

## Editorial

“Mas por que você perde tempo estudando isso?”.

Creio que muitos agroecólogos já ouviram essa pergunta, senão formulada como está, mas nas entrelinhas de algum comentário. Afinal, porque alguém, em sã consciência, tentaria ir na contra-mão dos avanços científicos na agricultura? Por que alguém dispenderia tempo e energia pesquisando as formas como as pessoas entendem e lidam com seus agroecossistemas? E, além disso, por que se importar com pequenos agricultores se a produção de abóboras é irrelevante para o PIB e a balança comercial brasileiros?

No entanto sabemos, quando ouvimos esse tipo de pergunta, que ela é feita, não para que respondamos e para que tenhamos que nos justificar. Sabemos que não se trata de uma pergunta, mas de uma declaração de desconhecimento, ou, uma tentativa frustrada de exclusão pela tática do desmerecimento.

Afinal, a melhor forma de resolver um problema é dizer que ele já está resolvido. Ou seja, os transgênicos e os agrotóxicos resolvem tudo. Somente empreendedores sabem como fazer agricultura, e, pequenos agricultores, são caso de assistencialismo estatal até desaparecem de vez.

Então recordamos daquela máxima de Einstein de que resolver um problema é fácil (afinal a fórmula está pronta) e que o difícil é propor um problema. E que isso significa literalmente problematizar a realidade e olharmos ao nosso redor, livres da miopia de teorias, e muitas vezes pré-conceitos, que impedem a visualização do óbvio.

O fato é que agroecólogos trabalham com aquilo que costuma chamar de “tecnologia de ponta”. É fato que estamos interessados nos problemas que temos que resolver atualmente, mas, sabemos (por acumulação e refutações científicas) que estamos trabalhando soluções para o futuro. Um futuro que, esperamos, seja sustentável e com autonomia para todos.

É por essa razão que a Revista Brasileira de Agroecologia vem, ao longo de 6 anos, divulgando trabalhos científicos em Agroecologia e que criamos a Revista Cadernos de Agroecologia para a divulgação de resumos de congressos e eventos apoiados pela ABA (Associação Brasileira de Agroecologia), bem como coletâneas temáticas (projeto que será colocado em prática em 2012).

Mas, a nossa meta não é apenas a do *status* de termos publicações científicas, mas a de divulgarmos e socializarmos os conhecimentos de todos aqueles cientistas que sabem a razão pela qual “perdem tempo” pesquisando e estudando os problemas do presente e as possíveis soluções para o futuro.

Nosso terceiro número de 2011 vem com 15 artigos e um resumo de tese/dissertação. Três dos artigos tratam sobre solos. Zazo, Theodoro e Audeh nos demonstram que variáveis ambientais, novas metodologias e também etnografia, respectivamente, são de vital importância para a compreensão dos passivos ambientais gerados pela monocultura e de como é possível mensurar a sustentabilidade, compreender e fazer do “saber comum” parte integrante da construção do conhecimento científico.

Na mesma linha etnográfica e de inclusão/parceria com saberes locais está o trabalho de Viu em etnoveterinária no Cerrado, e mais dois trabalhos – Lipinski e Santos – sobre a utilização do alho em bufalinos e ovinos, em formulações diferentes, amostragens diversas e conclusões consistentes.

Pelo lado do manejo de agroecossistemas temos dois artigos. Um de Rayol e outro de Pereira. O primeiro trata de biodiversidade e segundo da sustentabilidade de comunidades. A sustentabilidade e a segurança alimentar e nutricional também são tema de nosso número, com os artigos de Ricarte e o de Azevedo.

Em termos de insumos para culturas orgânicas, temos o artigo de Baptistussi, e também da eficiência do controle biológico e da manutenção de biomas (Marroni) para a reprodução dos mesmos.

Padovan, Pereira e Alves, demonstram, utilizando metodologias convencionais de pesquisa, que é possível o cultivo agorecológico, tanto no manejo dos solos, quanto na produção de sementes e também no cultivo do milho consorciado,

Desejamos para todos um 2012 cheio de realizações – pessoais e profissionais – e de mais desafios. Porque aquilo que não muda, está morto,

Feliz 2012 e boa leitura,

Valéria Lemos